



RESENHA

SOUSA, Jessé. **O pobre de direita: a vingança dos bastardos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

Ruan Didier Bruzaca¹

DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v29n1.2025.17>

O desafio de produzir a respeito de um fenômeno aparentemente próximo no aspecto temporal sempre remonta à dúvida quanto à possibilidade de o analisar de forma profunda e não imediatista. No entanto, a ausência de uma análise, apesar das ciladas que a referida proximidade possa repercutir, impediria de se jogar luz sobre uma temática que exige não somente produções acadêmicas, mas também uma ação prática. É o caso da ascensão da extrema direita no mundo contemporâneo, a exemplo do que ocorreu no Brasil no fim dos anos 2010.

A obra “O pobre de direita: a vingança dos bastardos”, de Jesse Souza, aborda esse contexto, trazendo aspectos históricos e sociais relevantes para o debate. No prefácio da obra, traz o questionamento sobre o motivo de os pobres votarem em Bolsonaro, a despeito de serem os que têm mais a perder em seu governo, visto representar os interesses da elite nacional. Atenta que não é a elite e a classe média que elegem o representante, no caso, do Governo Federal, mas sim as classes populares, o que pode ser justificado por: novas formas de manipular as massas e ansiedades das classes populares. Defende que a escolha dos pobres por Bolsonaro, apesar de aparentar ser irracional, é movida pela dimensão moral, inexistindo a economia fora de um horizonte moral e ético. Somado a isso, explica a ascensão da extrema direita é compreender o racismo brasileiro, sendo o bolsonarismo sua máscara, presente não somente no pensamento do branco pobre, mas também do negro pobre evangélico.

Na introdução, o autor destaca que o cidadão empobrecido desconhece as causas do seu sofrimento, que tem como pano de fundo o capitalismo financeiro, resultando no advento da extrema

¹ Doutor em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com período sanduíche na *Università Degli Studi di Firenze* (UNIFI). Mestre em Direito e Instituições do Sistema de Justiça pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Adjunto III da UFMA, vinculado ao Curso de Direito e ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Maranhão, vinculado ao Curso de Relações Internacionais. E-mail: ruandidier@gmail.com.

direita. Traz o filme *Coringa* (2019), de Todd Phillips, para tratar da identificação do cidadão empobrecido e humilhado diariamente com o palhaço do crime. Assim, os esquecidos e humilhados criam a raiva de algo que não conseguem explicar, que é fruto do neoliberalismo.

No 1º capítulo, aborda o contexto norte-americano, no qual há a transformação da democracia norte-americana em uma plutocracia dos super-ricos no século XIX. Neste cenário, o grande inimigo é o sufrágio universal, que permite a participação popular. Enquanto nos Estados Unidos a elite manipulou a população, fabricando consenso, em países como o Brasil, a resposta foi em forma de golpe de Estado. Nos Estados Unidos, estruturou-se um campo de dominação simbólica a partir da produção científica hegemônica, da fabricação de consentimento no mercado e no Estado e do estabelecimento da opinião pública pela imprensa.

Segue destacando que a contraposição de ordem e caos se tornou pauta central no pensamento conservador e elitista, reagindo contra os trabalhadores organizados. A população, considerada inapta a pensar por si só, deveria ser guiada por uma classe esclarecida. Aqui, a publicidade e propaganda, que viria a se tornar uma área do conhecimento no ensino universitário, exerce papel fundamental: utilizada como arma política, transforma o povo trabalhador em arma letal contra o inimigo doméstico, valendo-se de violência física, policial e simbólica, manipulando o medo.

O nascedouro da extrema direita americana viria de uma revolução reacionária, chamada de libertarianismo, que mobilizou na década de 1970, com o memorando de Lewis Powell, bilionários reacionários herdeiros de indústrias poluentes em face do que consideravam uma ameaça ao capitalismo americano: a visão progressista. Ao longo do tempo, cooptaram professores universitários, produzindo ideias neutras, inserindo aqui a criação da disciplina *Análise Econômica do Direito*; paradigmas nas políticas públicas foram modificados, defendendo-se o fracasso das políticas sociais; consolidaram a defesa de uma política externa militarizada e agressiva.

A eleição de Donald Trump não se destaca desse cenário, tendo apoio de multimilionários que atacam a mídia tradicional, fundam fontes alternativas de comunicação, como redes sociais, difundem o racismo e o nacionalismo econômico, e odeiam o papel social do Estado e os pobres. O populismo de direita, fundado no discurso revoltado contra a corrupção do neoliberalismo progressista, articula o racismo e a insatisfação contra o empobrecimento, deixando de lado a verdadeira razão sobre as causas da pobreza. A extrema direita atribui a decadência econômica ao discurso multicultural e à defesa das minorias. Manipula-se o ódio e o ressentimento, mascarando as causas das desigualdades e, neste cenário, as redes sociais representariam um perigo, visto a associação das empresas ao governo e universidades americanas, aprofundando seu caráter manipulativo.

A compreensão do referido contexto mostra-se relevante na medida em que possibilita compreender a reverberação das tendências econômicas, políticas e sociais existentes nos Estados

Unidos da América em outros países, como no Brasil. Repercute em uma forma de dominação e de exportação de ideais capitalistas, voltadas para a redução da capacidade crítica e da compreensão das complexidades e desigualdades sociais, aprofundando a acumulação de capital para uns e a escassez para outros.

No capítulo seguinte, o autor inicia a abordagem do cenário brasileiro, destacando que os sentimentos seculares que desembocam na eleição de Jair Bolsonaro estão fundados no racismo. Construiu-se no país um racismo cordial, celebrando as origens africanas, no futebol, no samba, posteriormente contraposto por Sérgio Buarque de Hollanda, que transforma o racismo racial em racismo cultural, com o homem cordial personalista e corrupto. Enquanto a elite equiparava-se aos americanos e os imigrantes aos europeus, o cordial seria o povo pobre, mestiço e negro, construindo-se uma aliança antipopular entre classe média e elite – mas em favor dos interesses desta. Com o racismo cultural, estigmatiza-se substancial parcela da população na sua capacidade de votar e participar da política. Elegem lideranças populares que implementaram políticas sociais, contrárias aos interesses da elite, não raro resultando em golpes de Estado, como ocorreu com Dilma Rousseff.

O autor entende que a guerra entre as classes é moral, contrapondo a elite que se acha americana e o imigrante de origem europeia, de um lado, e classes populares, de outro. Quando o tema é corrupção, países latino-americanos, africanos e asiáticos são considerados endemicamente corruptos, diferente dos países do Norte. A escravidão continua, repaginada, com a deslegitimação da participação política do povo mestiço e negro e com a construção de uma classe abandonada e humilhada. Esta, ansiosa por reconhecimento social, tornando-se presa fácil do bolsonarismo.

Neste cenário, o pobre remediado, setor intermediário entre a classe média e os marginalizados, é segmento chave para o livro. Alvo de exploração e humilhação, querem reconhecimento acima do pobre e do preto e, sendo estes os criminalizados, permitem-lhes um enobrecimento moral. As principais justificativas morais seriam: o preconceito regional; e a oposição entre o pobre honesto e o delinquente. Daqui surge o sucesso da pregação evangélica, dando-lhes respeito social. Apesar do projeto da extrema direita não lhes trazer de fato benefícios, a sedução é moral.

Assim, a substituição do racismo racial pelo racismo cultural descrita pelo autor mostra-se um ponto significativo, na medida em que constrói um caráter distintivo a partir da legitimação da figura defendida pela elite, aliada com a classe média. Assim, a ideia de excepcionalismo paulista desencadeia na contraposição ao brasileiro preguiçoso que não raro é confundido com o negro pobre nordestino. Ademais, deslegitima o voto de parcela significativa da população, destinatária de políticas sociais, visto entenderem que os únicos capazes de se beneficiar o Estado são eles, da própria elite.

No terceiro capítulo, o autor dá enfoque ao branco pobre sulista e paulista alinhado à extrema direita. Novamente, pontua a hipótese central do fator decisivo do racismo racial disfarçado de racismo regional. A derrota de Bolsonaro em 2022 foi atribuída com fúria ao nordeste, cuja população em sua maioria é pobre, negra ou mestiça. Tal preconceito regional não decorre de fatores geográficos, mas sim da história do preconceito regional no Brasil, atribuindo-se o progresso ao excepcionalismo paulista, em contraposição ao atraso do restante do país, em especial dos nortistas.

O excepcionalismo paulista seria uma espécie de excepcionalidade de elite e da classe média branca, com quem se identificam os pobres brancos, visando uma distinção positiva, visto desconhecem as razões das desigualdades e seus alçozes. Bolsonaro utilizou-se dessa carência e canalizou a revolta contra pobres, pretos, mulheres e gays.

Nas entrevistas com brancos pobres do Sul e de São Paulo, pode-se identificar na fala do pobre remediado: o racismo; o moralismo; o ressentimento; a meritocracia; a deslegitimação do voto popular; o questionamento das políticas sociais; o preconceito regional; a defesa da ordem; o antipetismo; a corrupção no setor público, mas não no setor privado; e o conservadorismo.

Desta forma, o capítulo traz pistas significativas do motivo pelo qual brancos pobres, apesar de poderem ser potencialmente prejudicados pelo projeto da extrema direita, por ela é capturada. A identificação com um sujeito europeizado, moral e ético, mas marcado pela humilhação e exclusão diária, resulta no confronto com outros segmentos sociais, caracterizados como inimigos, apesar de não serem os reais responsáveis pelo cenário impróspero que vivenciam.

No último capítulo, aborda-se o negro evangélico que, da mesma forma que os pobres brancos, teria mais a perder do que a ganhar com o projeto da extrema direita. Assim, o autor inicia trazendo uma contextualização a respeito da vertente do pentecostalismo, crescendo no Brasil o protestantismo mágico no fim do século XX. Atenta que há a legitimação da meritocracia e do mundo desigual, invisibilizando as causas das desigualdades. Ademais, o neopentecostalismo desembocaria num embranquecimento, aceitando a moralidade do dominador branco e estigmatizando e criminalizando o negro.

Nas entrevistas, identifica-se: o discurso moral, relacionando-se novamente com a distinção daqueles excluídos e humilhados, tornando-os superiores ao pecador; o pensamento conservador, fundado no antipetismo e no rechaço a pautas progressistas; o excepcionalismo paulista, contrapondo o trabalho com a preguiça; a aceitação à meritocracia; os valores da defesa da família, sendo necessário um presidente cristão; a crítica aos direitos humanos e às ameaças LGBTQIAP+; o embranquecimento e a perda da referência social, assumindo os preconceitos elitistas.

Novamente, trata-se de um capítulo relevante para identificar as pistas da ascensão da extrema direita, agora junto à população negra. Novamente o aspecto moral é identificado, resultando

RESENHA

na diferenciação do negro evangélico trabalhador, cuja prosperidade é fundada numa visão meritocrática, esfumando os motivos das desigualdades sociais. Aqui, o negro é embranquecido pela religião, aproximando-se da figura do branco moral e distanciando-se do negro imoral.

Na conclusão traz que o falso moralismo recobre o racismo racial, agora trajado de racismo cultural. A moralidade justificaria a superioridade de uns sobre os outros. No entanto, inexistente problema com a corrupção quando cometido pela elite, mas sim com a inclusão popular, que prejudicaria a reprodução dos privilégios de classe. Substitui-se o negro inferior pelo povo corrupto, moralizando o racismo. Opõe-se o pobre honesto e o pobre delinquente. Inexistindo a compreensão das razões das desigualdades, acredita-se na meritocracia e se encontra no outro o culpado. Seguindo o autor, o comportamento é guiado pelas necessidades morais, o que possibilita compreender a aderência de pobres brancos e negros evangélicos ao bolsonarismo.

Diante do conteúdo da obra, como o autor fez com referência ao filme Coringa, pode-se fazer um paralelo com a série The Boys, em crítica direta à extrema direita. Enquanto em Coringa alguns se identificam com Arthur Fleck, em The Boys muitos se identificam com o Capitão Pátria, herói que, mesmo praticando atos violentos e desumanos contra a própria população, é ovacionado em razão da construção do marketing, da representação da pátria e da defesa da ordem. São até mesmo legitimados cientificamente, como na Universidade Godolkin, retratada na série Gen V. Novamente, a população desconhece as razões das violências diárias, assim como os esquecidos e excluídos que não conhecem os motivos das mazelas do neoliberalismo. Reproduzem o racismo, mesmo que mascarado pelo moralismo.

Explicar o motivo que pobres votam na extrema direita é tarefa árdua. Múltiplos fatores, dentre eles os elencados por Jesse Souza, auxiliam a compreender tal fenômeno. O comparativo da identificação com o palhaço do crime no início da obra ainda chama a atenção, mas também não poderíamos descartar, como diz Alfred Pennyworth, o mordomo de Bruce Wayne/Batman, sobre o Coringa, em The Dark Night (2008), que existem também aqueles que não procuram nada lógico, como dinheiro, mas que só querem ver o circo pegar fogo.

REFERÊNCIAS

SOUSA, Jessé. **O pobre de direita**: a vingança dos bastardos. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.